



SEMANARIO HUMORISTICO

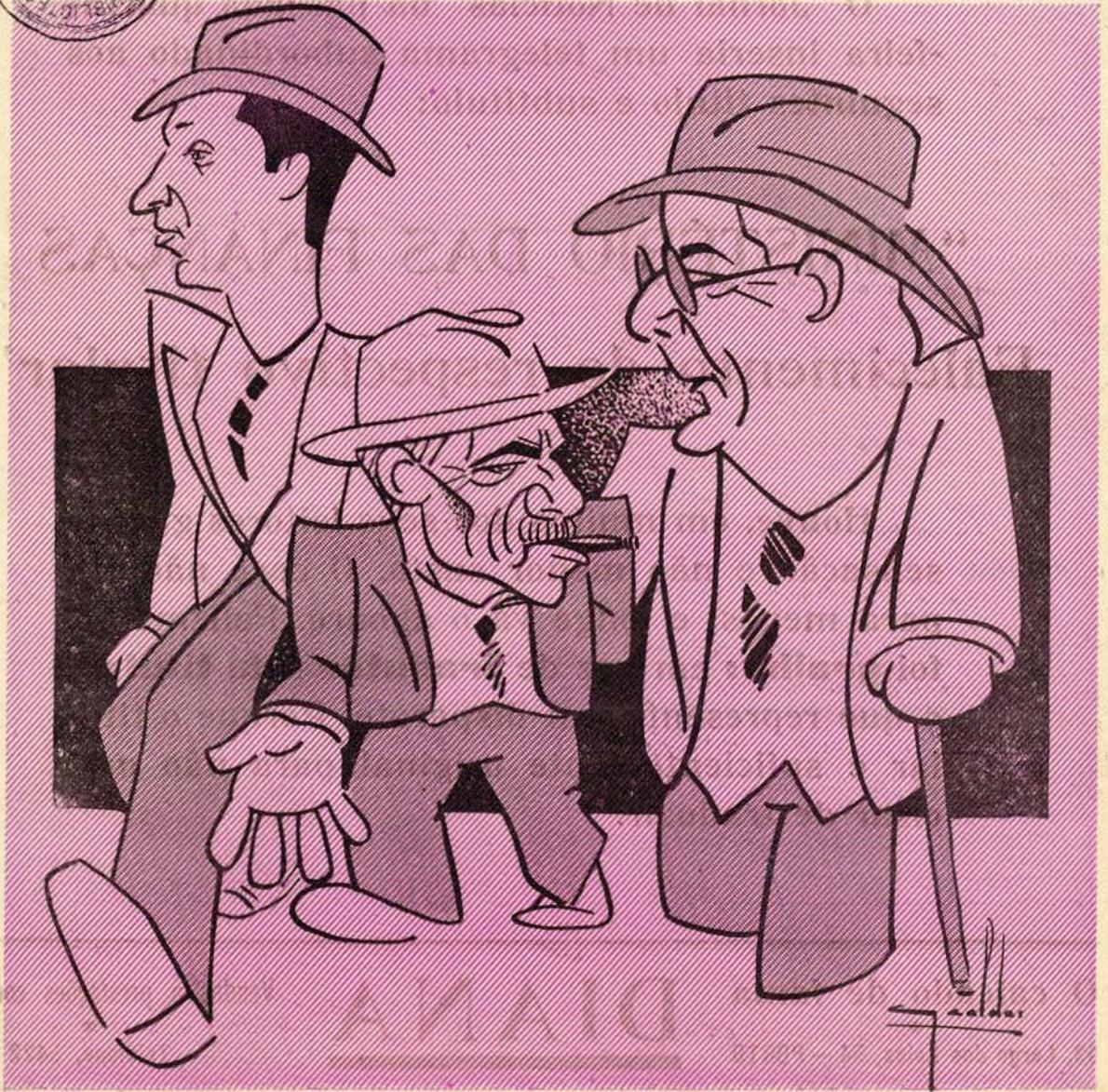
# ESPINHO

*Luiz Caldas*

Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



## ESPINHO-PRAIA



Criaturas distintas entre todos os "espinheiros". Homens de uma só fé e sem espinhas

Propriedade da Empresa do  
Magazine «Civilização» L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA  
DR. KNOX

Condições de assinatura:

*Continente e Ilhas*

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

*Colónias*

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

*Estrangeiro*

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

## A “Sensation”

O “Jornal de Notícias” da passada quarta-feira inseria um telegrama subordinado aos seguintes título e subtítulo:

### “MINISTÉRIO DAS FINANÇAS Falecimento do respectivo titular”.

Houve, em muitos dos seus leitores grande sensação e não menor susto. O caso não era para menos, e longe vá o agouro. Felizmente, foi **gralha**: em vez de **tradutor** saiu **titular**, o que representa um disparate. Porque o titular é suficientemente original para não precisar de traduzir.

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

# DIANA

Vendas a prestações com bom

Telefone, 5422



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Da casa de campo onde me instalei para passar o estio, num formoso vale de Entre-Douro-e-Minho, quasi poderia avistar, a pouca distancia, o chamado pinheiro de Bitarães, em cuja cima, não há ainda muito tempo, Nossa Senhora appareceu a uma criança.

Devo declarar desde já que não affirmo nem nego o miraculoso acontecimento. Há no sitio, de facto, um pinheiro bravo. Houve uma rapariguita, também, que asseverou ter visto a Mãe de Cristo alçapremada na sua ramaria. Acorreram lá centenas de populares, como é da praxe, metade dos quais affirmava ver a Virgem, enquanto a metade restante, por mais que dilatasse as pálpebras, não enxergava senão caruma verde. O certo é que já a bouça ia armando em local de romaria permanente quando a Igreja interpôs o seu veto, acoimando tudo aquillo de palhaçada sacrilega e proibindo, sob pena de anátema formal, que se venerasse a Senhora de Bitarães.

E sem a sanção de quem de direito, e sob a ameaça da temerosa e comumhão, o fanatismo popular quebrou, extinguiu-se rápido, como efémero fogo de palha.

Fátima foi mais feliz.

\*

Cai-me nas mãos, por acaso, uma revista franceza em que se versa largamente um caso idêntico, succedido há um ano na Biscaia. Chama-se Ezquioga o lugarejo escolhido pela Virgem para a sua aparição, e pertenciam igualmente a duas crianças os olhos privilegiados que tiveram a ventura de ver corporizada em forma humana a doce figura de Maria de Nazaré. Excitação no povo, peregrinações, êxtases frequentes entre os devotos, — a consabida cenografia. O mais interessante, porém, é que, em Ezquioga, Bitarães dá as mãos a Lamego, visto que, a par dos dois pequenos videntes, apparece uma estigmatizada. Chama-se Ramona a serva de Deus, e tem dezassete anos. Apresenta nas mãos os sinais dos cravos, tal como S. Francisco de Assis e a sr.<sup>ta</sup> Maria de Lamego. E essas feridas sangram de vez em quando... E o povo corre a ensopar os seus lenços no sangue bemdito, — precioso talisman que sem dúvida há-de, mais

tarde, curá-lo a êle das maleitas e às ovelhas caseiras da gafa ruinosa.

Ao mesmo tempo, certo Cristo bárato, em oleografia, que pende da parede de uma taberna, sangra também. Não é o vinho o único sangue de Cristo que lá dentro corre. Também as chagas do Senhor, desenhadas em cartão pela pedra litográfica, se abrem como os espiches do tonel. Efeito produzido, naturalmente, sobre a alma sensível do Salvador, pelas pragas dos arrieiros e as conversas rabelaisianas dos fregueses...

Nada em fervorosa devoção o povo biscaíno, enquanto Ramona, nos seus acessos de êxtase, — à semelhança de Santa Teresa de Jesus — vê o pálido Cristo descer sobre ella. Sorri-lhe, beija-o, aperta-o ao peito. E o povo, sentindo a aproximação do Senhor embora o não veja, cai genuflectindo, toca com a fronte o soalho do aposento. Depois, passado o encanto, quando Ramona regressa à vida usual, os populares erguem-se quebrados, fatigados, como se lhe tivessem batido. Não admira. Tanto milagre junto, francamente, é de abarrotar!

\*

Passam meses. O público continua a visitar, em grandes grupos, o lugar da aparição. Ramona prossegue nas suas deliciosas entrevistas com o Crucificado. E quando menos se esperava, a rapariga começa a engrossar. Arredondam-se-lhe as ancas, salienta-se-lhe o abdômen, entumescem-se-lhe os seios. Encontra-se no estado a que a eufémica linguagem mundana chamou interessante, e que naquele caso o é sem dúvida, porque interessa grandemente aos moradores de Ezquioga. Como foi aquillo? A rapariga não tinha outras entrevistas íntimas além de aquellas em que Nosso Senhor a visitava. Dar-se-ia o caso... Não! Por forma alguma! Seria caluniar o casto Nazareno. E como a inventiva popular é fértil, logo entrou de correr o rumor de que o nascituro não era filho de Deus, mas do Diabo. Fôra o Maligno, para se vingar, que lhe pregara aquella partida, da qual viria a resultar por fim uma chegada. O Pai do Céu não conseguira evitar o nefando estupro. Mas tinha já decretado que Ramona daria à luz sem dor, como a Virgem

Maria e as adeptas, exclusivamente frugivoras, do Dr. Amilcar de Sousa. De resto, para marcar bem a satânica paternidade, a criança nasceria com pés de cabra.

Não nasceu. Vinha tão perfeita como o agaiatado rosto da actriz Beatriz Costa. Pés de cabra, lá na região, só se encontram na algebeira dos gatunos. E logo o povo, que não desarma, inventou uma lenda explicativa: o filho do Diabo, apenas assomado ao mundo, desatara a fugir, e não mais fôra visto. E para consolar a pobre mãe, baixara do céu aquelle anjinho, lindo e rosado como um serafim...

\*

Convém dizer que as autoridades, o bispo, os sacerdotes, e sobretudo os padres-jesuítas, se teem oposto, com toda a alma, ao desenrolar de este rosário de sandices. Mas sem resultado. O povilêu ri-se do bispo, dos alcaides e dos clérigos que lhe prégam a boa doutrina, e continua a acreditar cegamente na aparição da Virgem, no Cristo que sangra, no diabinho recém-nascido que fugiu e no anjo tombado do firmamento. Mais ainda: para êle. Ramona continua a ser virgem, — a-pesar-de não ter sido mártir.

Com um povo assim, como há de a República progredir?

Marcial Jordão.

### ≡ IMPRENSA ≡

Ao *Jornal do Minho*, que, no seu número de 21 do mês passado, trazia a critica ao livro *Um ar da minha graça* do nosso director José de Artimanha, agradecemos a gentileza das palavras. E ao firmante dessa prosa quasi bárbara, sr. Viriato Carneiro, daqui enviamos um abraço muito amigo.

— O *Primeiro de Janeiro*, na sua correspondência de Braga do último sábado, referia-se com palavras muito elogiosas ao nosso semanário. MARIA RITA, não tendo mais que lhe dar, oscula o correspondente do *Janeiro*, demoradamente.

## Balancete da semana

No *Jornal de Notícias* — o diário do Pôrto tão querido e popular — vem o «Rapto de um jovem milionário», que me deu que pensar. Passou-se o caso no Brasil. A mãe do mancebo, raptada foi também, de forma fraudulenta. Mas sabem quantos anos ela tem? Di-lo o jornal: noventa. O' Senhor! E' o milagre, com certeza, da mãe de S. João, que o teve, contra as leis da natureza, já quando, sem saúde e sem firmeza, seu corpo se inclinava para o chão. Se a dama do Brasil tem noventa anos, e o filho é novo em anos e figura, vejam agora os sábios da Escritura se podem decifrar êstes arcanos...

\*  
\* \* \*

O *Janeiro* chamou a António Ferro «cronista-mór do reino». Talvez êrro, ou *gralha* com que a lógica se ofende. Porque o autor do *Estandarte*, se é cronista, e é mór no corpo, salta bem à vista que não é um Garcia de Rezende. Embora tenha treino, falta-lhe agora já, para ser o cronista-mór do reino, um reino... que não há. Emende pois a mão, colega. E em vez de essa designação pouco modesta, substitua-a por esta: o ilustre Ludwig português.

\*  
\* \* \*

Ardem montados, bouças, bosques, casas. Em maré de desgraça e vilipêndio, ao Norte e ao Sul o temeroso incêndio deflagra, transformando tudo em brasas. Pavorosa, a estiagem seca vales e montes. São de fornalha os ósculos da aragem, um choro ténue o murmurar das fontes. Fazem-se procissões de penitência pedindo chuva. E o céu a quem se pede não tem um bocadinho de clemência e deixa Portugal morrer à sêde. Se a coisa continua, inda havemos de ver os milharais regados, ao palor meigo da lua, ...com águas minerais. E é coisa decisiva e que há de fazer bem: passa a boroa a ser mais digestiva, pelo bicarbonato que contém.

Já num dos números passados nos referimos à luz eléctrica de Paredes, sempre a ameaçar os fregueses com a extinção da luz, por motivo da falta de água para a caldeira, mas sempre a cumprir valentemente a sua obrigação, apesar da sêde que a devora.

Com efeito, há muito pouca água na vila e suas redondezas. O rio Sousa, como se comprometeu desde anos imemoriais — mais ou menos quando os ossos de Egas Moniz deram entrada no mosteiro de Paço de Sousa — descedentando o Pôrto, cumpre a sua obrigação de carrear para a cidade invicta toda a água de seu leite, sem que às sopeiras habitantes das margens seja permitido mergulhar lá o seu pucarinho. De mais, a água é salobra, quanto tanto como a dos poços.

Dá-se o caso de haver em Paredes uma quinta que possui uma água de mina magnífica e mais fresca que uma revista da *Paraná* Lisbonense. E todos os moradores da vila solicitam permissão para encherem lá a sua bilha. Claro que lhes é generosamente concedida pelo dono, embora com manifesta indignação do caseiro. E' que o homem quer regar o seu milho, e a água faz-lhe falta. E uma bilha agora, outra logo... Se é bilha a bilha que enche a vasilha, é também pelo mesmo processo que ela se esgota.

Felizmente, entrou-se num acôrdo. Todos os vizinhos podem aproveitar-se da água da quinta, contanto que levem repleta de líquido do seu poço a cantarinha que pretendem encher. Chegam, despejam-na no tanque, e põem a bica. Desta forma, tem água boa para o consumo doméstico, e a rega da quinta não defraudada. Isto é que se chama — com permissão dos srs. Drs. Bento Carqueja e Quintão de Jesus — economia bem dirigida.

\*

Lembrou-nos, a propósito, um episódio passado no Rio de Janeiro a quando da epidemia bronco-pneumónica. O elevado número de falecimentos desorganizara os serviços de saúde. As inumações faziam-se em massa. Andavam carroças pela rua, semelhantes aos veículos de distribuição da carne, tocando uma campainha e recebendo os cadáveres. Depois, o seu conteúdo era despejado para a vala comum.

Ora, certa preta, tendo-lhe morrido o marido, ficou quatro ou cinco dias à espera que passasse a carroça. Ouviu-a enfim, e correndo à porta da rua.

— Não posso receber mais cadáver nenhum — disse o cocheiro. — O carro vai a abarrotado. Nem consigo fechar a tampa.

— Mas o meu falecido já cheira horrivelmente... E' uma obra de caridade enterrar-me.

O outro meditou, e saiu-se com esta:

— Só se a senhora quer fazer uma coisa binação. Levo aqui um homem que morreu poucas horas. Traga cá o seu morto, e eu, com êste, que está mais fresquinho.

\*

Salvaguardada a deprimente comparação em Paredes sucede coisa idêntica. — Traga a sua água salobra, e leve outra tanta de água que é muito mais fresca.

Fazer circular a MARIA RITADA mesmo dada ou emprestada, é considerado crime. :: tribuir para a sua expansão

Turiddu.

# Visitem ESPINHO -- Magnífico Casino

# PROJEÇÕES DE BRAGA

Uma reportagem à Repórter X — Mistério dum casaco — Queiroz... agüente-se!! — A opinião do Maragoto — Medicina para pobres — Um médico modêlo — Um médico-pirata — Automóvel, sim; caminheta, não! — O preço duma consulta que não foi consulta

Cadenciadamente batem as horas no relógio do Banco do Minho numa entoação planante fazendo lembrar um yago dobre a finados. Numa das mesas do Café de A Brasileira um grupo de caras para todos os paladares acha um segredo, com ares e esgares de horror horrível.

E o prato do dia, ou melhor dizendo, o prato desaparecido. Envoltos em profundo mistério, fugido ao olhar, anda o casaco do Queiroz de A Brasileira esturra com cento e tal escudos.

Admitem-se hipóteses, buscam-se probabilidades, debatem-se as conjecturas, e de positivo se verifica que o Queiroz se encontrou contingência de usar um casaco nada parecido pertença sua, por não se lhe amoldar às fendas plásticas, com que a natura o mimou, em arrelia dum grande parte dos frequentadores do seu Café.

Realmente é duro.

O amável, incansável e estimável Queiroz, tanto trabalhou, que tudo fez, para a realização dum passeio que se mantém gravado a Ripolin, com uma assombrosa nitidez, como nos espiritos mais alcoólicos, passeio que se demonstrou a tóda esta beatíssima cidade ser desnecessário simular uma ida à praia do Varzim para se cumprir um dos mais elementares preceitos higiénicos — o banho — como recompensa de todo o esforço, ver desaparecido o seu casaquinho na companhia duma mulher de escudos, repetimos: é duro, muitíssimo duro, quasi tão duro como o pão fornecido em nossas beneméritas padarias, 24 horas depois de sair do forno.

Diziamos nós que o roubo feito ao Queiroz e é verdade) não era ainda do domínio público, o que não significa succeder outro tanto o domínio particular. Entre bastidores comenta-se e comenta-se a grande desgraça que angustia o dono do casaco e procura-se na medida possível atenuar o sucedido, com cartões de visitas, abraços de condolências, frases consoladoras, etc.

Opinam os amigos mais fogosos pela chantage dum agente policial de alto coturno, enquanto os mais froixos, ao secundar a ideia, afirmam como capaz o célebre Custódio das Dolores, o que determinou uma reunião magna dos mais maganos excursionistas.

Ao ouvir falar no C. das Dolores, pede a palavra o popularíssimo Alberto Real, que expõe anteriormente a sua discordância em virtude de além de impróprio, ser desumano juntar tais sofrimentos ao Queiroz.

— Nada de Dolores, continua o Real. — Eu por experiência própria sei bem o que isso é; tenho sentido dezenas de vezes, não com origem na monstruosidade abdominal que patenço — nunca me propus ao prêmio do americano — mas sim devido ao desaparecimento dos meus mais estimados, clientes aos quais apenas me é permitido fazer um único funeral.

Seguidamente agarra-se à palavra, abandonada pelo Real à saída da porta, o verboso António Maragoto dos fatos a prestações, que fala desta maneira:

— Caríssimos ouvintes: A questão das doenças é de somenos importância neste século de tanta luz que até a Avenida se encontra às claras; portanto, pode vir o Custódio sem as mãos, completamente anestesiado. Para mais garantido êxito, conveniente será contractar também um cão ou cadela das dos polícias, sendo preferível com bom faro; e na falta d'êste, que entrei pelo Algarve, que seja pelo mecos de Olhão bem aberto. Porque... de duas, ou este mistério se desvenda rapidamente

ou serei forçado a vender um casaco novo ao Queiroz.

Vive em Braga, e à solta, um certo galeno (especialidade em levar couro e cabelo nas consultas) de pouca clientela avulsa, mas que tem uma leiteira fixa, incurável e crônica.

Ora um dia destes, um seu amigo íntimo pediu-lhe que o acompanhasse, sem tardança, à Feira Nova, em visita a um homenzinho a quem outros médicos não tinham feito melhorar.

— Mas... como é o meio de transporte? — interrogou o filho de Minerva.

— Caminheta.  
— Oh, não!... Que horror!... Upa, upa!... Ou automóvel, ou então... bem morre o doente sem a minha assistência.

O outro condescendeu e, beija caída, teve, em face da resistência, que alugar o veículo requerido, pensando desde aí que a despeza seria por êle paga.

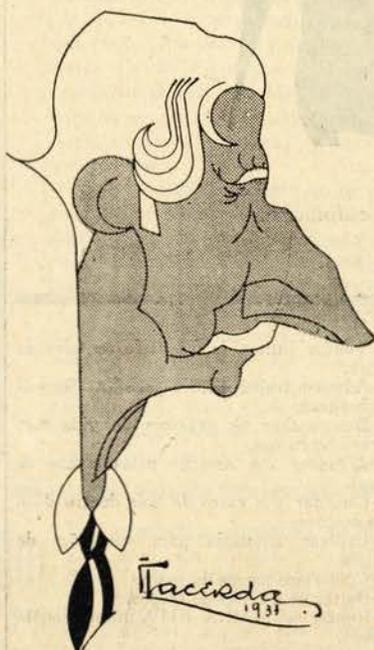
Chegaram à Feira Nova. Entram numa casa humílima. Ao fundo, num quarto quasi sem luz, jazia um homem de aspecto lívido.

A sumidade bracarense, que, se usasse óculos, seria um Gandhi em ponto grande, tossiu,

## OS MEUS BONECOS

VIII

DR. DUARTE LEITE



Nariz e saber a grande altura

espirrou, voltou a tossir e, no fim, numa voz de abade gago em dia de missa solene ou do galo ao dealbar da manhã, perguntou:

— O que lhe receitou o médico meu antecessor?

Foram-lhe rapidamente mostrados todos os remédios, sem esquecer uma lata de Pós de Keating.

O nosso clínico examinou-os, voltou a examiná-los, cheirou as rólhas, agitou os frascos, apalpou-lhes o fundo, tomou as dimensões dos gargalos, mirou, remirou, aspas, aspas, aspas, e disse somente:

— Mas está tudo muito bem! Nada tenho a fazer! E' continuar, é continuar!

E, após uma vénia por favor, acompanhado do amigo, saiu às arrecuas até chegar ao carro.

Dentro d'êste, pergunta ao doutor o companheiro:

— Afinal quanto é da consulta?  
O outro queda um momento em silêncio e depois:

— E' gente pobre?  
— Paupérrima!  
— Nesse caso, e atendendo à nossa velha camaradagem, são apenas... apenas 600\$00,

Reporters Unidos.

## Posta restante

A. Coutinho Dias — Deixe andar. Não vale a pena tocar no assunto. «Tu que sabes e eu que sei, cala tu que eu calarei». D'ora-vante metemos tudo na ordem.

Bota tudo — O seu soneto «Beijo de amor», é bonito; mas está fora do nosso programa. O resto sairá.

Zé Caminha — E' impossível ser de outra forma. Primeiro: Quando as produções nos chegam às mãos depois de quarta-feira, é impossível dizer-se alguma coisa sobre elas nessa semana. Segundo: Não podemos dar publicidade no mesmo número a tudo que um só nos envia. Se soubesse quanto trabalho para preferir aqueles, que, como V., nos acompanham sempre!... Mas desanimar não vale... Valeu?...

Linguinhas — Será sempre bem aparecido. Bastava o nome do nosso bom camarada Manuel Anselmo para lhe abrir de par em par as portas desta casa. Se bem que V. não precisa de apresentação... Obrigado.

## A Volta a Portugal em bicicleta

A MARIA RITA que é, como tóda a gente sabe, uma entusiasta de todos os desportos machos, conseguiu que o conspícuo "Diário de Notícias" e o vermelho "Jornal de Notícias" lhe facultassem os elementos necessários para bem elucidar os seus leitores acerca d'êste formidável certame.

Desta forma, no nosso próximo número faremos uma sensacionalíssima reportagem em que o Santíssimo Trindade vai na frente e o Antunes Perna deixou de dar à dita.

Leiam no próximo número de MARIA RITA tudo quanto se pode dizer acerca da "Volta a Portugal em bicicleta".

## CRISTIANO DE CARVALHO



*Desprezador das honras e dinheiro.*

Canto 6.º — XCVII.

### Os impossíveis dêste mundo

- Arriar uma tarefa com um garibalde.
- Descarnar os ossos do ofício.
- Evitar a dor do cotovelo com fricções de álcool.
- Ocupar uma casa com 3 divisões militares.
- Esfregar olhos com escovas de dentes.
- Colocar um chapéu na cabeça da nação.
- Guardar o interior das habitações com fachas de terrenos.
- Amordaçar mudos.
- Forrar fatos para amearlar.

- Vender juntas de freguesia na feira da Corujeira.
- Admitir trabalhadores para o tráfego de carnes brancas.
- Desmanchar os prazeres da vida com parteiras obstétricas.
- Arrancar um coração pelas costas de Portugal.
- Guardar um carro de bois dentro dum saco de costura.
- Utilizar anestesia para operações de aritmética.
- Comermos maçãs do rosto.
- Soltar as línguas de trapos.
- Raptar a MARIA RITA num triciclo de «Bebé».

José A. Pereira da Costa.



### Redução justa

*(Loja dum cangalheiro. Coroa, bouquets, alguns caixões de defunto. Um cheiro a cera que tresanda).*

A VIÚVA PIRES, chorosa, ao balcão, apreçando uma coroa onde se lê, em letras douradas, a estafada frase: «Uma eterna saúdade» — Vá, sr. Gomes! Fechemos o negócio!

O SR. GOMES, carrancudo, sebento, dando uma fungadela pela venta esquerda — Não pode ser, minha senhora! Como sabe, estes materiais estão pela hora da morte!

A VIÚVA GOMES, sempre lamurieta — Pois sim, mas olhe que o meu defunto marido bem lhe merecia um abatimentozinho de 50 % nesta coroa que lhe quero pôr na campa.

O SR. GOMES, olhando-a, irritado — Ora essa? Porquê?

A VIÚVA GOMES, solene — Pois não sabe que êle foi *chauffeur*, e assim se fartou de lhe arranjar clientes?

Dr. Knox.

### Mas que azar!...

Um dia, certa tarde, no Chiado,  
Vi passar uma dama estelizada,  
No seu passo miúdo e apressado,  
Com ares de quem vai já atrazada.

Eu sou um homem sério, e já casado,  
Só penso na consorte idolatrada,  
Mas nessa tarde, fiquei desnortecado,  
E, fui da tal dama, na peúgada.

Mirei-a com cautela e atenção,  
E, francamente, achava-a um «peixão»,  
Um corpo que nem sempre a gente logra...

Avancei e toquei-lhe no regalo,  
Ela virou-se, e deu-me um grande estalo,  
E vi na minha frente a minha sogra!...

Lérias.

### “Os Puritanos”

Infelizmente não pode ser tão completa como desejaríamos, a nossa reportagem da excursão dos «Puritanos de Viseu», ao Norte do País. E não o é, por que as nossas algebras não nos deivaram acompanhar o simpático grupo de visitantes.

O que aí vai foi-nos dito, numa rápida conversa, pelo Alfaca, um dos melhores armamentos que a rapaziada levou.

Diz-nos êle:

— Não calcula o entusiasmo com que fomos recebidos em tôda a parte. Manifestações imponentes. Discursos, pedindo-nos para não deixarmos de voltar para o ano, por termos resolvido a crise vinícola, por onde passavamos. A Câmara do Pôrto, vai mesmo homenagear-nos com um retrato, no salão nobre da Casa dos Vinhos. Em tôda a parte lamentaram a falta da «língua de prata» do P.º Carolino.

Zé Liró.

# DESCANSO SEMANAL

## Epistolografia nacional—O acôrdo ortográfico :: :: luso-brasileiro—Razões de pêso :: ::

Quem nos tiver lido desde o comêço há de julgar que nesta secção não tratamos de mais nada senão de desfazer nas asneiras dos outros. Mas está redondamente enganado, porque nós, além de metermos foice em seara alheia, também nos entretemos ao mesmo tempo a saborear o bom e o bonito no que vemos com referência às diversas reformas ortográficas.

E' certo que em virtude dessa aplicação momentânea, chegamos a tomar o café azedo por não sabermos ao certo se açúcar se escreve com dois ss ou com c cedilhado; e quando escrevemos a palavra ino, aquela coisa que se toca quando chega o venerando chefe do Estado, deixamos sempre um espaço ao lado, pois temos a impressão que não precisamos mais algumas letras.

Mas isso pouco importa, comparado ao inefável prazer que nos dá a leitura das cartas que nos chegam às mãos, escritas pelo novo acôrdo ortográfico. Vamos dar em seguida cópia de duas que nos deixaram sôbre a mesa de trabalho:

### Carta absolutamente comercial

*Ilx.<sup>mo</sup> Senhore X. já para aie madeie uma carta a sômana pasada a madare pedire as segintes fazendas*

*atê hoje não resevie nada agore se ainda as não madarão!*

*faça o favor de madare já um sacco de asucar vraco estreí mas que seja vóe um sacco de masa cortada de segunda mas que seja vóa um cintal de vacalhão pretugez cue primavera redondo mas que não seja istalado i meia caxa de savãoe que seja vóoe façame o menos preso que posa para vere se continuoamos asere frageze isteve acie à dias o caijeiro do X. i fazizame unze presos venie vonze tanto em maça como envacalhãe agora se já ativere madado esta fazenda entãoe não made mais ninhuma i se não a madarão faça o favor de a madare já para estação da ermida sõe este que muito os istima*

Z.

Como viram, êste comerciante da Ermida está tão integrado no acôrdo, que ninguém estranhará se êle vier a fazer concordata.

Agora um modelo de carta amorosa, que o próprio Júlio Dantas será capaz de adoptar de hoje em diante:

### Carta de um filho do pai dêle

Vancos 11/6/1933.

*Meu querido pai muito estimu e que estêja de Saude na Companhia de tôda a minha Familia que a minha fica sendo milho grasas ao bom Deus Meu querido pai querido queria que me mandãse porque foi arezido que me não escrevêu que eu tenho andãdo muito triste por não saber nutisias desa terra que eu chigei aqui no dia 1 de Junho é escrevi logo no dia 3 e ainda não aresevi carta ando triste cumã noite não à alegria que me chege não sei cumo eide viver porque vãsta não saver nutisias da i para me afeleji.*

*Meu querido pai queria que não se escesese do que lhe mandei pedir que eu ainda não aresevi ninhom e as despesas são vastantes agora se vosê podese fazime muito jeilo meu querido pai queria que mandãse dizer se a minha piquêna já anda que estou ansiôzo por savêr porque ajente está lonje amda denoite e dedia Sunhando com a Famlia e sem saver nutisias suas agora queria que não não se escesese de me escrever que eu não estou susegado sem vosêr me escrêvêr sim não se escesa sim meu pai sim.*

*Minha mulhêr não te afelijas que eu ando pasando poraquí um degredo mas se deus quizer o tenpo ade ser pouco que lá para nubenbro ao janeiro vamos chigar ao dia de alegria que conto cam ir Embora se deus me ajudãr sim meu qurido pai ai mando muitas Recumendasões para tôda a minha familia e um Abraça para a minha mães e outro para a minha mulher e outro para a minha sogra e um beijinho para a minha menina e lembranças para as minhas cunhadãs sim. meu paizinho queria que me*

*mandãse dizer quem me escreve dai para quã que daqui e o meu amigo e culêga que me espãlha Jose Martimz Gomes e rrecumendasões dele sim paraivam sim. Com is tremino espêro rresposta pelo curreiro sim não se escesa Adeus Sim.*

Não se pode saber o nome dêste extraordinário especimen da raça militar, que ainda manda abraços para a sogra. Abençoado varão, que de escopeta na mão se não esquece da famigerada vibora que o fêz pai tão conscientemente!

Que Deus te acompanhe pela vida fora e te faça tão feliz como para nós desejamos.

E para amenizar esta secção de ensino primário, vamos dar um recorte de um artigo de fundo, do *Povo de Penafiel*:

### Por Penafiel

*Contudo a viagem em caminho de ferro é muito mais comoda; e ainda que sujeita a accidentes, como é natural, porque até na cama se pôde partir uma perna, muito menos perigosa e menos contundente; pois que, basta a criatura deslisar sobre carris, para que as suas reacções não sejam tão frequentes, tão violentas e tão molestas como as das camionetes.*

Isto é mais do que perfeito! Isto é o que se chama direito por linhas férreas tortas.

E não há um penafidelenense capaz de amolgar tôdas as costelas a êste cavalheiro, com um accidente de mar-meleiro, para que as suas reacções não sejam tão frequentes.

E depois, não querem que os habitantes de Paredes se aborrecam com os penafidelenenses!...

## A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. da Licoiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 823 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5303; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2131; L. Camp. Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-deaça); R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ—R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314—FOZ EM MATOZINHOS—R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275—Matozinhos. EM VALADARES—R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA—R. do Castelo, 17 e 19.

# PRATO DIMARISCO

## ESPINHO



A praia sem rival está cheia como um ovo! Alegria, movimento, mocidade e sol a jorros! Maz azul, duma imponência que deslumbra!

A sua **esplanada**, limpa, airosa como uma rapariga saudável, lembra uma varanda romântica onde as *andorinhas do jornalista* desejariam fazer o seu ninho eternamente.

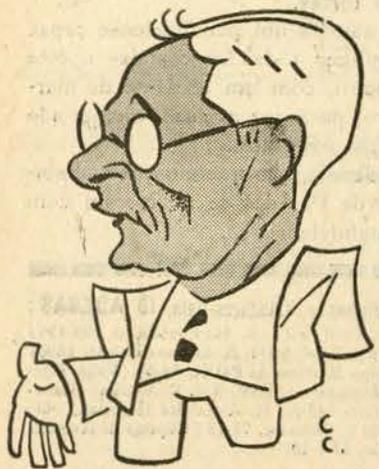
No areal da vastíssima praia, polido pelo sol, pelo vento e pelas ondas, erguem-se algumas centenas de barracas, postas para ali um pouco à *matroca*, à laia de semicírculos, mas que mesmo assim oferecem à nossa vista um espectáculo encantador.

Nesses semicírculos, à sombra dos toldos, a má língua fervilha, o namôro assenta arraias, e há gente que se diverte e outra que se aborrece.

Bandos imensos de crianças, tisanadas pelo sol e pelo iodo, brincam junto da babugem das ondas num desprendimento que nos faz saúdares!

Afastando-nos da beira-mar, vemos a multidão curiosíssima do *curso*, num vaivém constante como os alcatruzes das noras.

A's portas do Casino — uma *bicha* enorme; e lá em cima, no salão de dança, a orquestra sob a direcção



de H. B. faz rodopiar os pares ao compasso dum *tango* vibrante e morno.

Nas ruas cruza-se uma multidão curiosa, que os combóios do Vouga e da C. P. despejam nas suas gares constantemente.

De tudo isto, que vimos de relance,



numa hora fugidia, vamos dar um ligeiro esboço no nosso número de hoje. Noutros números seguintes voltaremos a ocupar-nos de Espinho, a praia sem rival, focando outros homens, outras mulheres, outros aspectos flagrantes da sua vida, dos seus costumes, pois Espinho dá *pano para muitas mangas*, graças a Deus!

A *ordem do dia*, para a nossa sessão de hoje, é a seguinte:

### Nos bastidores da política

Espinho também tem o seu *Terreiro do Paço*, onde fervilha uma política caseira, daquela de fazer *cócegas* aos amigos que não são amigos às direitas.

Nesse *Terreiro do Paço* esgrimem armas os paladinos de várias causas, que afinal se consubstanciam numa única causa — o bem de Espinho.

Por isso mesmo é que se chamam nomes feios uns aos outros, e às vezes — raras vezes — passam a vias de facto... em plena via férrea.

Mas não se fala mais nisso!

### Frente única

Os jornais da terra, e alguns *linguarudos*, falam muito nesta *frente única*. Indagamos do caso, e, verificando-o pessoalmente, chegamos à conclusão de que *essa frente única* tem pelo menos 7 frentes, contando, é claro, *com as frentes que dão para as traseiras*.

Não percebemos, portanto, para que vai tanto escarcêu à volta duma frente com tantas frentes!

### Alguns perfis do "Terreiro do Paço" de Espinho

**J. B.** — Velho amigo de Espinho, desde o tempo do célebre *trunvirato* das portas da Assembleia.

Há uma história duma *perna de pau* que, cá por coizas, — não se conta aqui.

Célebre eleicoeiro em tempos idos num grande concelho do Douro, aí temperou e aperfeiçoou a sua arte de administrador de câmaras concelhias.

Por isso lhe assenta bem, agora, o cargo de *presidente*.

**M. C. B.** — O seu desejo era dar às ruas de Espinho o esplendor das grandes avenidas do Rio de Janeiro!

Na impossibilidade, porém, de realizar este seu sonho dourado, vai cumprindo a sua missão de camarista o melhor que pode e sabe, e consoante as minguadas receitas do erário municipal.

**V. P.** — Nasceu nos dias grandes, e, apesar de ter sido medido com a

*fito métrica de via reduzida*, saiu de *medida larga*.

E' por este motivo, sem contestação possível, o maior camarista que tem passado pela Câmara de Espinho!

Quanto à sua acção lá dentro, basta ouvir as leiteiras, que se teem visto às aranhas para venderem a *mijoca* do leite, e os donos dos açougues, que já não podem impingir *boi por vaca*, como faziam antes do nosso *gigante* subir às cadeiras do poder!

**M. J.** — Chamam-lhe, cremos que por *blague* pura e simples, o *dono de Espinho*. Fantasia e nada mais, pois sabemos, e toda a gente o sabe também, que houve tempos em que nem aquilo que era seu lhe pertencia!

Hoje, porém, os ventos sopram brandamente doutra banda.

Certo *ribeiro* que por ali passou, portador e condutor de *sujas águas*, e que, com as suas fumaças de *Oceano Pacífico*, parecia disposto a inundar tudo em sua volta, foi forçado a desviar o seu curso, e a ir morrer entre *rochas* longínquas!

E, assim, com o mar menos *encrespado*, vai tomando umas *cavacas de Rezende* e uns *caldos de galinha*, óptima dieta para se ir restabelecendo dos abalos que sofreu.

Pena é que os seus pobres bigodes, que tam cruelmente repuxados foram nas *horas de desolação*, continuem a sofrer agora os mesmos *tratos de polê* nas mansas horas de saboroso triunfo!

Não, sr. M. J.! Se não tem coragem para deixar os pobres pêlos em sossêgo, chame o Apolinário para acabar com eles, misericordiosamente, duma vez para sempre!

E' que nós, os rapazes da MARIA RITA, somos pelos toiros de morte!

Se nos fizer a vontade, prometemos não falar num *determinado lote de meias de fantasia*, que serviram de isca para a pesca de alguns *peixões*, em tempos que já lá vão!

**F. V.** — O homem pequenino que

aqui vos apresentamos é o campeão de assistência à *Assistência*! Ele assiste a tudo, desde as refeições às assembleias gerais e não gerais.



Passam as gerações envelhecidas e depauperadas, e êle,

*Impávido e sereno*  
Como outr'ora, Jesus, nos pinos do Calvário...

Lá continua na brecha, *assistindo* sempre à sua *dama* com uma *carolice* que não pára nunca, trabalhando como se aquilo fôsse uma *posta* de se não largar mais, quando afinal a *coisa* nem espinhas dá!...

Porque será que o C. V. não se vai deitar?...

**Dr. H. P.** — Um *ds* do fóro lisboeta. Veio da Palhavã a Espinho pela primeira vez, confiado na excelência dum clima que as brisas do sul não sabem temperar. E, se não fôsem determinados *animazinhos domésticos*, cujo nome não vem para o caso, podíamos jurar que seria freguês para muitos anos.

Ainda assim, como os *miúdos* gostam, o nosso H. P. voltará para Espinho no próximo ano, e nos seguintes.



Lembre-se, doutor, que Espinho é iluminado com *lâmpadas eléctricas* duma certa marca que nós cá sabemos!...

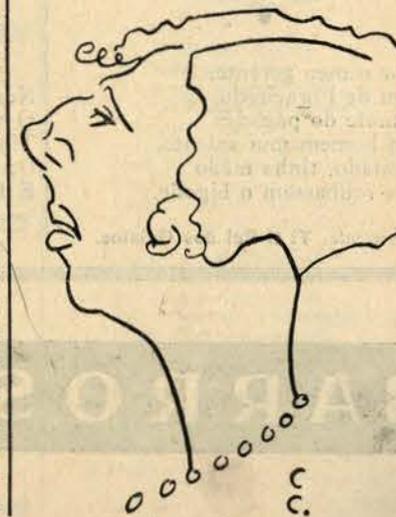
**"Mademoiselles" P.** — O nosso caricaturista *assaltou-as* atrevidamente em pleno areal, na hora policroma do banho, quando faziam a sua digressão pacatamente ao longo da praia, junto à babugem das ondas.

Interessantes filhas dum grande amigo de Espinho, aqui fica a nossa homenagem sincera e despretenciosa.

**C. R.** — Exponente máximo do jornalismo lusitano!

E' êle o suave arauto da chegada das *andorinhas*, e os seus madrigais às *gentis banhistas* a quem as ondas do *elemento marinho* beijam os pés... e mais alguma coisa, tornaram-no célebre entre os cronistas elegantes das nossas praias!

Por tudo isto, C. R. merece da MARIA RITA, e de todos os seus colaboradores, pobres pigmeus do jornalismo português, esta sincera homenagem de veneração e respeito!



# † A Q U I J A Z

== Continuação do concurso da MARIA RITA == 50\$00 ao melhor epítáfio publicado ==

Aqui jaz a Joanhinha,  
Sopeira do Zé Manicho,  
Que pereceu na cozinha,  
Cantando alegre o cochicho.

Remetente: A. C. D. (A.).

Aqui jaz o Pinho Amilcar  
Natural da Albanada,  
Que morreu a oscular  
À boca da namorada.

Remetente: A. C. Dias (Arcondi).

Aqui jaz a minha amiga,  
De Peniche natural.  
Morreu com dor de barriga,  
Por comer cebola e sal.  
Foi a correr ao quintal,  
Com a pressa tropeçou,  
E de cócoras ficou,  
A apanhar o nevoeiro,  
Que até o próprio coveiro,  
Quando a viu assim corou.

Remetente: Octávia Maria.

Nesta modesta e rasa sepultura  
Dorme o seu sono eterno José Galo,  
Sineiro de famosa envergadura;  
Faleceu — ó suprema desventura! —  
Quando fazia festas ao badalo!

Remetente: R. das M.

Aqui jaz o meu gerente,  
Joaquim de Figueiredo,  
Um velhote do pagode;  
Era um homem mui valente,  
Mas, coitado, tinha medo  
Que lhe roubassem o bigode.

Remetente: Ti ti Rei dos Gaiatos.

Aqui jaz o Vitorino,  
(Por alcunha o Brincadeiras)  
Que era danado p'ra andar  
Agarradinho às sopeiras.

Remetente: A. C. Dias (Arcondi)

Nesta sepultura fria,  
Dorme o sono eterno em paz  
O pintor Alves Faria,  
Que era um grande Ferrabraz.

Tudo pintava o malvado,  
Fazendo enorme sussurro,  
E finou-se, o desalmado,  
Um dia, ao pintar um burro!

Remetente: R. das M.

Aqui jaz, ou jaz aqui  
N'esta cova tumular,  
O tempo que em vão perdi  
P'ro teu amor conquistar.

Remetente: Rutra Luar.

Aqui jaz o Braz Tisana,  
Farmacêutico diplomado.  
Amou a pesca da cana,  
Mas... um dia foi pescado.

Remetente: Klçai.

Neste coval descansa já extinto  
O varão que se chamava José Pinto,  
Tintureiro que foi em Rio Tinto  
Deixou muito e muito fato tinto.  
E foi grande amador do vinho tinto.

Remetente: R. das M.

Nesta sepultura jaz,  
O famoso postilhão,  
Marcolino de Aguiar;  
Nas curvas, era sagaz  
E as rectas, isso então,  
Fazia-as mesmo a reinar!

Era um caneco atestado,  
Nunca engeitando o bom vinho,  
Que sabia apreciar;  
Na boleia ia emproado  
Quando a morte — coitadinho —  
Levou o pobre A... guiar!

Remetente: Rei das Musas.

Nesta mansão,  
Sem estadão,  
Jaz o glutão  
Pantaleão.

Morreu duma indigestão  
Em noite de reinação,  
Quando com sofreguidão  
Ingeria um salpicão!

Remetente: R. das M.

Jazem os restos, — que saúde —  
Nesta rasa sepultura,  
Do pedreiro Estanislau;  
Morreu em grande ansiedade  
Numa autêntica tortura  
Quando arriava o calhau!

Remetente: Rei Fera.

Aqui jaz o Barambana,  
Um cantador afamado,  
Que à porta da namorada  
Morreu a cantar o fado.

Remetente: A. C. D. (A.).

BARROS



VINHOS DO PORTO  
DE  
QUALIDADE SUPERIOR

# MARIA RITA nas Termas do Norte

## Décimas... dentro do praso

Um mês de Termas — Pedras Salgadas, a estância da fome e snobismo — O que viu, ouviu e comeu  
:: :: :: um dos nossos directores :: :: ::

Chegado o encalmado mês de Agosto, resolveu, o nosso director, como pessoa do bom tom a que se preza de pertencer, gastar alguns gordos cobres de muitos que tem arrecadados ao canto da sua rechada burra. E assim, de calça branca e sapatos cor de vaca holandesa, lá se pôs a caminho das Pedras, a grande, a única, a hiperpedante estância do snobismo e dos tafuis.

Seis horas estafantes, escaldantes, abrasantes, torturantes num combóio onde se enjoa mais que no alto-mar e ci-lo chegado às Pedras Salgadas, Pedras estas cujas únicas coisas salgadas que tem são as contas dos hotéis.

Muito calor, muita poeira finíssima que tanto entra pelos sapatos como pelo colarinho e punhos da camisa, muito luxo, muita gente e alguns burros.

Eis, resumidas, as suas impressões:

### O passadio e a fome correspondente

Nos hotéis da Empresa, uma desgraça. E' fome de rato e quem quiser comer alguma coisa arrisca-se a passar a noite... em gabinete reservado. Comidas deterioradas, o diabo! Há meninos que, para comerem necessitam encher previamente as narinas de bolinhas de algodão em rama. Quer comam galinha, pombo ou vitela, a impressão é sempre a mesma; a de que estão a comer perdiz... e com a mão no nariz.

Outros, mais atilados, postam-se em frente das janelas do Hotel Universal, (o único que serve bem) e vão fazendo, regaladamente, a digestão dos pratos, que veem comer por entre as vidraças das janelas.

Há aqui mocinhas, daquelas estilizadas, esgrouviadas, escanzeladas, que se retiram ao fim de vinte dias com um deficit de cinco quilos o que, aliás, elas até agradecem.

### Os hidrófobos e os hidrófilos

Por aqui bebe-se muito. Agua, é claro. Há alguns Matias que passam o dia na bicha, de copinho na mão, a pedirem pelo amor de Deus que lhes deem nele cinquenta grammas escassas da mirífica linfa. Um ouvi eu pedir que lhe enchessem o copo, pois o doente... era pobre.

Mas a verdade manda que se diga que felizmente estas termas são bem abundantes na matéria prima, ou seja na boa água mineral.

Outros, mais cépticos, vão-lhe atrombando antes na boa pinga da região, em passios de estudo às melhores caves dos arredores, de Chaves a Vila Pouca. Sufrem, coitados, de velha hidrofobia, que nem a fama destas águas é capaz de vencer.

### As crises das águas ou as águas das crises

E' um pagode, no Hotel, durante a noite. Há correrias, gritos alfitivos, pancadas desesperadas a certas portas com duas letras arrevesadas. E' o efeito das águas, a crise.

De manhã veem-se passar alguns hóspedes desfigurados, desolhados, com um ar mortiço e sonolento. Puderam! A crise das águas não perdoa, não espera e há no Hotel tão poucas portas com as tais letras esquisitas!...

### O amor e as águas

Ama-se muito, aqui. Tudo *flirteia*, tudo se *faz*, desde os irresistíveis cinéfilos aos mais austeros senhores de respeitabilidade acima de qualquer suspeita.

E' que o parque convida ao amor, com as suas altas árvores, os seus recantos propícios, os seus trilos de aves ciosas e felizes.

Tudo ama! Até nós próprios, saídos pela primeira vez da nossa habitual fineza amorosa, entregamo-nos derretidos ao mais inocente, mais agradável passa-tempo de alma, de olhos embebidos na doçura misteriosa de outros olhos que, se não eram verdes como os da Joanhinha do Vale de Santarem, eram, pelo menos, provenientes dos mesmos lados, vindos do mesmo vale!

### Uma "ginkana"... só para os da casa

Houve aqui uma *ginkana* automobilística, rijamente disputada por... poucos corredores e ardorosamente assistida por... quasi público nenhum.

E' claro que, como não podia deixar de ser, o segundo prémio foi ganho por nós. Pois o correspondente solicito de *O Primeiro de Janeiro*, talvez por informação tendenciosamente fornecida pela própria Empresa, dava a noticia de que o 1.º e 2.º prémios tinham sido ambos ganhos pelo sr. Engenheiro Mesquita, aliás um belo *sportman*.

E vá lá a gente acreditar-se em jornais!

Eis, resumidamente, os factos mais importantes passados nestes 20 dias de termas, que nunca, como desta vez mereceram tanto o seu nome (*Termas*), tal foi o calor que durante esses dias se rapou!...

Procurem na grande

Livraria Editora de

A. FIGUEIRINHAS, Limitada

tôdas as obras de

**MARDEN**

o grande filósofo criador da paz de espirito e educador de vontades.

### Solução recomendável

Um tipo, cheio de fezes,  
Lá na *estranja* (que ironia!)  
Lançou fogo à casaria  
Perto de duzentas vezes.  
Mas não contou os révezes  
Que perseguem um *parceiro*,  
Pois que um policia matreiro  
Lhe deitou, um dia, a mão;  
E veio a apurar, então,  
Que o fulano era bombeiro!!!

Longe de mer'cer castigo,  
Devia ser premiado,  
Pelo seu feito arrojado...  
— E' mesmo isto que lhes digo!  
Vendo que corria p'riço,  
Co' a crise a subverter  
Todo o mundo — sem tremer,  
Ele acendia a fogueira,  
E conseguia a maneira  
De ter sempre que fazer...

Bisnau.

### Quadras sem... Esquadria

Divino Senhor da Pedra,  
P'ró ano cá hei-de vir,  
E trago a MARIA RITA.  
A tal que morreu a rir.

Maria tu és na terra,  
O que os anjos no céu são,  
Se tu morresses Maria,  
Eu pegava-te ao caixão.

Foste dizer ao meu Pai,  
Qu'eu c'andava côradinha,  
Todos os raios me partam,  
S'eu não te partir a pinha.

O' Rosa da Alexandria,  
Mesmo perdeste o teu cheiro?  
Não perdi em parte alguma,  
Fui vendê-lo ao meu barbeiro.

Eu fui me pôr a chorar,  
Mesmo em frente dum navio  
Ouvi uma voz dizer-me  
Vai-te deitar qu'está frio.

Monteiro II.

### Décimas... relaxadas

Dr. Tavra Bey chegou  
Ao Pôrto, para dizer  
O que está p'ra acontecer  
E o que há muito se passou  
O doutor adivinhou,  
— Louvado seja o Senhor! —  
Mais de mil casos d'amor,  
Negócios e aventuras,  
Encravações das mais duras  
E o que aqui não vale pôr...

Hipnotizou tôda a gente  
Ali no «Carlos Alberto».  
Ser doutor e tão esperto,  
Té custa a crer, francamente!  
E' tão vasta a sua mente,  
Tem o doutor tal saber,  
Que adivinhou a correr  
Quantos pontos dá por dia,  
A filha da minha tia  
Que passa a vida a coser!

(Aveiro).

Olegna.

# Terras da nossa Terra

## Excavações na Cava de Viriato

### Salgalhada visiense

Para sitio ignorado, a refazerem-se um pouco do trabalho extenuante que tem tido, partiram das margens do Pavia, a bordo do paquete «Não te Rales», os componentes da Banda Regimental. Razão por que os namoros, no Rossio, baixaram duma forma assustadora, o que bastante tem preocupado as respectivas mães.

Qual seria a razão por que duas pessoas categorizadas, cá da terra, tendo recebido bilhetes para a récita anual do Orfeão, não só os não devolveram como por cima ainda se recusaram a pagá-los?

Embora para Viseu a volta a Portugal, em bicicleta, tenha perdido bastante interesse, por ter desistido o Nicolau e por o Trindade já não pertencer ao número dos vivos depois do crime da «Pôça das Feiteiras», alguma coisa mais do que o ano passado se prepara para receber os formidáveis estradistas, que com uma coragem superior à do Rolão Preto andam a esfalçar-se por esse país fora. Assim, podemos desde já comunicar aos nossos leitores que a Comissão de Iniciação e Turismo oferecerá uma penha artística, para sobre ela dar as boas vindas, aos ciclistas, o conhecido orador Agnelo Maldonado.

Dizem-nos que este senhor, em caso de necessidade, se prontificaria a empenhar as suas barbas para que Viseu não deixe de fazer uma recepção condigna.

A noite haverá sessão solene nos jardins do Avenida-Teatro, para entrega duma medalha de lata ao ciclista que chegar em primeiro lugar, oferta do nosso amigo Luciano.

A coisa passou-se na Figueira, e foi-nos contada aqui pelo nosso vizinho Mário Pirolito.

Um grupo de apantiguados do Rolão resolveu oferecer um jantar de homenagem ao seu digno chefe. Vá de fazer a respectiva inscrição de 50 paus. A alturas tantas, por qualquer motivo, a coisa ficou assim mesmo, e os que já tinham largado os 50 paus foram reclamá-los. Mas a comissão organizadora é que entendeu que por tão pouco não valia a pena a restituição, e, na melhor das intenções, foi ficando com a massa.

Então um benefício a qualquer comissão se faz!...

A semelhança do que se tem feito em Lisboa e no Porto, organizou-se também em Viseu uma Colónia Balnear Infantil, que irá veranejar para a praia de Pavia.

Entre os que tomam parte, destacam-se os gentis pequerruchos Henrique Machado, Dr. Nogueira Martins, Luis Morais, Alfredo Cristo e António Martins.

### Dizem-nos

— Que certa elegante de Massorim vai processar uma gentil sopeirinha que lhe quer roubar o noivo.

— Que um conhecido ponto se gabou de

ter assistido, há tempos, a um combate de box entre a sogra e 12 sanguessugas das de trás da orelha.

### A' última hora

Mesmo ao acabar estas linhas, recebemos do grupo excursionista «Os Lusitanos» o seguinte telegrama:

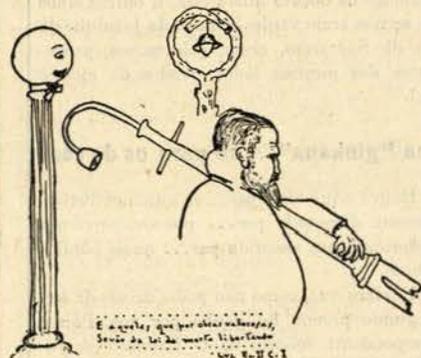
«Chaves — Recepção maravilhosa. Crise vinícola desta região ficou resolvida. O povo está-nos muito grato por esse motivo. Abraços ao P.º Carolino.»

Zé Liró.

### Cartas da Praia de Ancora

Numa destas manhãs o sol, exuberante de calor, jorrava alegria por toda a praia.

As crianças às dezenas, magnetizadas nessa alegria do céu, corriam e brincavam, aqui,



na areia, fazendo pequenos castelos e buracos, além, junto ao mar, com baldes e barquinhos, saltando às ondas que o oceano, imenso e forte, parecia tornar doces como carícias.

Queimadas do Sol, muito miúdas e lindas, faziam uma algazarra, que lembrava o canto de gritos com que os pardais se despedem do dia em tardes de Outono, nas telhas da Praça da República — onde, juntamente com os pardais e pardocas, discutem os pseudo-sobas cá da terra.

Como revoadas de pombas brancas passeiam pela praia, aos grupos, bandos de virgens e semi-irgens, ostentando umas corpos divinais de carnes apetitosas e palpantes de prazer, outras, peles amareladas e frias, cobrindo esqueletos vaidosos.

Encostado ao pósto de socorros a naufragos, o A. Areias, estático e voluptuoso, deixa os olhos enroscarem-se como cobras naquelas colunas de carne moça.

Lá em cima, na avenida, encostado às grades, o Dr. J. M., com olhar idêntico, mas mais calmo, de solteirão impenitente, procura seleccionar, nas balonas que passeiam, qualidades que o levem à igreja e lhe arranquem a flor de laranjeira.

Com uma palmada nas costas arrancamos o Macho daquele enlévo perigoso, que pode levar até à necrologia estes rapazes novos.

— O' amigo Areias, anda daí connosco, vamos entrevistar o célebre lampeão, que viveu

desterrado pelo sr. B., na praça, curvado, com a cabeça para baixo, procurando no chão a chave do problema da célebre conferência económica.

Coberto de pó, cheirando a antiguidade, fomos encontrar o saído candieiro, sem a tinta que outrora o fez brilhar e com a lepra da ferrugem a comer-lhe o corpo alquebrado. Com um piparote na tulipa, fomos acordá-lo daquele sono letárgico.

— Olá, amigo, como ides?

Espreguiçando-se, levantou o pescoço de cisne que já foi elegante, abanando mansamente a tulipa. Reparou em nós e convidou-nos a sentar nuns calhaus que foram cortados para as obras da torre da Capela e ali jazem esquecidos.

Dissemos-lhe que, intrigados pela sua ausência, o tínhamos procurado por toda a parte, julgando até que já morrera aquele que, em retidão na farmácia da terra, fora muito considerado.

— Antes tivesse morrido (disse triste e desalentado). A morte pouco me importa; quem cá ficar...

— Já sabemos (atalhamos), mas não deveis pensar assim na morte. Que diabo, ainda vos podem remoçar; a Afife está a fazer uma praia, e Ancora e Moledo, começaram por vós.

— E' verdade, amigos, é a minha única esperança. Tenho saúdaes da minha mocidade... Lá em baixo na praia, quando eu, só, com a minha lâmpada de 5 velas alumia o extenso areal, vinham para a sombra da minha luz...

— Aos pares casais de pombos a arrulhar... — interrompem.

— Isso não me importava; o pior eram os pares de melros que iam para junto de mim lançar pombos aos casais.

E revivendo um pouco nessas recordações, tremia-lhe de gozo a tulipa enferrujada.

— Bons tempos, bons tempos. Depois, porém, o turismo mandou-me substituir por uns colegas de cimento armado, sistema arranhacéus, convencidos que são sobreiros cobertos de cortiça. Mas o tempo se encarregou de me vingar, e vede-os com os braços cruzados por cima da cabeça, pedindo mesericórdia a Deus. A civilização expulsou-me depois da praia de Moledo, para onde fora dar a luz. Um senhor da terra colocou-me outra vez cá em Ancora para embelezar a Praça da República. Mas, o lugar era difícil de desempenhar porque senti zumbir aos ouvidos dezenas de calhaus.

Dos olhos corriam-lhe lágrimas sentidas como punhos, Tiramos os lenços e limpamos os nossos olhos cheinhos de água, e antes que ficassemos presos duma comoção mais forte, apertamos o lampeão contra o peito e, cabibaxos, regressamos à praia.

Um espectáculo inesperado para as bandas do Sanatório, nos esperava. Antevi um naufrágio horrível. Uma multidão de banhistas berava e gesticulava, olhando um corpo estranho que as ondas empurravam para a praia. Correram os banheiros com os salva-vidas. Os bombeiros faziam soar as sirenes em correrias loucas. Havia famílias que choravam, desgrednhadas, temendo pela sorte dos seus. Um banheiro mais audacioso atira-se à água. Lembrei-me que os meus amigos Dr. L., Dr. J. A. e C. Areias tinham saído para o mar na chalupa «Gaiivota». O coraçao quis saltar-me do peito. Corri ao local, e um banheiro, todo molhado e cambaleando de cansaço, trazia na mão um pastelão de chouriço com ovos.

Lingrinhas.

Albano Ramos Pais & Filho  
ALTA COSTURA



Ateliers de vestidos e roupas brancas  
Rua Sá da Bandeira, 166 — PORTO  
TELEPHONE 4258

## Editorial

Este semanário, que deve sair quinzenalmente, visa sobretudo a levantar a abaixadíssima classe dos funcionários ferro-viários. Ao mesmo tempo pugnará também pela reabilitação do combóio, êsse bellissimo meio de locomoção que veio revolucionar o mundo há cerca de meio século.

Quem se der ao trabalho de andar uma hora inteira, de nariz, no ar pelo átrio da estação de S. Bento, além de ficar com os conhecimentos gerais de viação desde que o mundo é mundo, fica também com uma dor no pescoço que não lhe sai tão cedo.

Lá estão, bem pintadinhas pelo sr. Colaço, as diversas manifestações da comodidade humana.

Lá se encontra a velhíssima cadeirinha puxada a dois galegos; a liteira a mulas, onde a marquezinha tinha tudo, incluindo o pote; e tôdas as diversas traquitanas até ao elegantíssimo carro de bois, glória da nossa cidade e motivo alegórico de costumes que os estrangeiros tanto apreciam.

E até chegar ao combóio, só esqueceram ao admirável azulejista os seguintes meios de locomoção: o andar de gatas, o andar de ventas às avessas e a bicicleta.

Pois é do combóio que vamos tratar, meus senhores! E dos seus condutores, dirigentes e mais trabalhadores, que iremos falar, bem alto e em bom som, ainda que tenhamos que nos bater com todos os *chauffeurs* de camionete que andam por essas estradas à solta. Principiemos.

## O combóio

O combóio é um monstro de ferro. Compõem-se de uma locomotiva, onde vão dois tipos irreconhecíveis, e de um

certo número de vagões. Estes últimos dividem-se em diversas classes, a saber:

1.ª classe — E' absolutamente igual à segunda, com a diferença de que é mais cara um bocadão e tem os assentos mais rotos.

2.ª classe — Como acima dissemos, é igualzinha à primeira, diferindo apenas em que nesta já se encontra uma ou outra pessoa que pague o seu bilhete. Na primeira só viajam os anualistas grátis.

3.ª classe — Conhecida vulgarmente pelo pomposo título de *três riscos*, ou sejam: piolhos, pulgas e infecções nasais. Esta vai sempre cheia porque tôda a gente paga.

Além destas há ainda a classe canina onde é proibido sentar-se. Diz o ditado e as companhias assim o entendem, que «quem tem rabo não se assenta».

Os combóios dividem-se em *Sudes*, *Rápidos*, *Omnibus*, *tramueis* e de *mercadorias*. Também há os combóios mistérios e os *combóios* roleteiros.



## Pouca terra... Pouca terra

Era esta antigamente a linguagem das locomotivas. No tempo da guerra e anos circunjacentes passou a ser: *pouco carvão e muita terra*. Mas depois que o Clube da Boavista tratou de ir ao Brasil, a linguagem das locomotivas voltou a ser *pouca terra, pouca terra*, porque os dirigentes do citado clube gastaram-na tôda a encher saquinhos.

Além desta, as locomotivas, tem outra linguagem: é a do apito. Como tudo que na natureza se cria, não há dois apitos iguais.



## As Estações

São umas casitas defumadas que estão ao lado das linhas. Em tôdas elas, desde que o mundo é mundo, se

encontram os seguintes letreiros, além do nome da terra:

### Homens — Senhoras

e em todos os cantos estarão pessoas a fazer as suas necessidades, porque está mais limpo que lá dentro.

Além disso há ainda em tôdas elas um reclame aos adubos da Companhia União Fabril representado por um par de namorados metidos entre trigais da altura dêles. Se não fôr êste o cartaz, é então outro do tempo da Patuleia, com um Zé Povo muito mal feito a piscar um ôlho e a dizer manhoso:

### Cá o Zé sabe as linhas com que se cose

Outras pinturas se encontram pelas paredes, mas é proibido falar nelas.



## Conselhos aos viajantes

— Nunca mostreis vontade de ver o chefe da estação. De ordinário é mal encarado, e ao fazerdes o menor sinal de reclamação dá-vos a ordem de partida.

— Não consulteis jamais um guia dos Caminhos de Ferro. E' melhor entender-vos com o António Ferro. Podeis ficar malucos aí por alturas da página 22. E' tal a quantidade de ligações, e vide páginas tantas, que a vista vos desaparecerá.

— Se tiverdes o trabalho de acertar o vosso relógio com os de tôdas as estações num percurso de 100 quilômetros, podereis ver que conseguis chegar primeiro do que partistes, a-pesar-do combóio em que viajais trazer 2 horas e meia de atraso.

— Ao entrades nos túncis não te esqueças de tirar o chapéu. Ninguém sabe se terá de bater com a cabeça em cima.

Para  
pintar  
paredes

Use

**MURALINE**

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em  
seca em  
dura 10  
minutos  
horas  
anos



# A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 23

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

2 DE SETEMBRO DE 1933

## QUADRO DE HONRA

**OTTER**

Decifrações do n.º 21 — 1) Luz e sombra, 2) Nobata, 3) Em murrer u asno não perde o lovo, 4) Perfume, 5) Lamasal, 6) Cerafim, 7) Instintoto, 8) Almário, 9) Jaquim, 10) Viaje, 11) Celeste, cete, 12) Barraca, baca, 13) Alcochete, 14) Carapinha do Campo, 15) Quem muito escolhe, pouco acerta.

Decifrações — Otter, 15; Rei do Orco, 14; Reirobi, 13; Horaciano, 12; Dília Galo, 12; Feirante, 11; Seria, 8; Sargento Quim, 3.



## Charadas em verso

(Respondendo ao confrade Busina)

(1)  
Se Busina quer saber  
O processo mais certo  
Que eu uso para poder — 1  
Arranjar muito dinheiro,  
Por favor tome lá nota, — 1  
No pedido que aqui fica:  
Arranje-me uma velhota,  
Muito velha e muito rica.  
Não faz mal que seja mouca,  
Corcovada, desdentada,  
Tartamuda, gaga ou rouca  
E dos olhos remelada.  
Apresente-me depois,  
Para eu catrapiscar, — 1  
Durante um mesito ou dois,  
Mesmo três o mais tardar.  
Findo este prazo, a meu ver,  
O Busina, bom rapaz,  
Ficará logo a saber,  
O tal processo eficaz  
De eu arranjar sem cansaia  
Dinheirinho, com certeza,  
Quer seja em terra estrangeira  
Ou em terra portuguesa!

Olegna.

(Ao Olegna)

(2)  
Na Sê, dão três badaladas — 1  
E após ter feito oração — 2  
Das chagas, com devoção,  
Uma beata, às risadas,  
Diz ser tudo uma ilusão!

Otropavlis.

(3)  
Aquele lindo instrumento,  
Que maneja o Damião,  
Há de ser sempre um adorno — 2  
Duma bela habitação.

Seria.

## Novíssimas

(4)  
Olhei para a carne que vendia a  
mulher. — 1-2.

Kiçai.

(5)  
Suspenda a venda da cera porque  
não há nota de preços. — 1, 2.

Rutra Luar.

(6)  
O animal, de contente, salta junto  
do colega. — 1, 2.

F. Rodrigues.

(Retribuindo ao emérito Olegna)

(7)  
Isso é já sabido: você seguindo um  
homem ou senhora já velha, é com a  
mira na massa. — 2, 1.

Busina.

(8)  
O homem que se vicia no jogo,  
arrisca o próprio relógio. — 1, 2.

Dília Galo.

(9)  
A mamã entornou a bebida que me  
fêz uma nódoa no fato. — 1-1.

Tom Mix.

(10)  
Olha que assim, mulher, mais me  
prejudica a tua formosura. — 1-2.

Sepol.

(11)  
Pelo aspecto se calcula o jogo.  
— 1-1.

Só Darco.

(12)  
Vi ontem um caso simples: a filha  
do Adrião fêz o seu enlace com um  
péssimo homem. — 1, 1, 1, 1.

Adriano X. Nel.

(13)  
Nota que quando olhei para a terra  
plana vi o Bisnau curado a ler uma  
revista. — 1, 1, 2, 1.

Serigaita.



## Sincopadas

(Ao grande charadista Olegna, agradecendo)

(14)  
3 — Eu também já quis arranjar  
uma velhota cheia de dinheiro; mas...  
— 2.

Nan-Nan.

## Maçadas geográficas

(Ao insigne confrade Otropavlis)

Formar o nome duma terra portu-  
guesa com as letras da frase seguinte:

(15)  
DOI-LHE AÍ OTROPAVLIS?

Sepol.

(Ao confrade Otropavlis)

(16)  
NAO PODES VIR A VIELA?

Horaciano.



## Tipográfico

(17)

**CORNO**

Sepol.



## Provérbio a adivinhar

(Retribuindo e agradecendo a Monteiro II)

(18)  
O tendeiro Nicolau  
E' finório e mui ladino;  
Quando impinge o bacalhau  
Diz sempre que é muito fino.

E tem tal palavreado,  
Este manhoso sagaz,  
Que com seu arrazoado,  
Vende tudo que lhe apraz!

Vende arroz, vende cebolas,  
Vende alhos e macarrão  
E com as suas graçolas  
Faz um negociarrão.

E quando o censura alguém,  
Responde êle: «Que pretende?...  
Você não sabe que...»

.....?

Serigaita.

## Posta Restante

Kiçai — Chegaram tarde; não tendo tido,  
por conseguinte, cabidela.  
Dília Galo — Idem, aspas.

# Aquilo que nós sabemos

## Grande Concurso Poético da MARIA RITA

*Está provado que a MARIA RITA tem um número muito elevado de admiradores de ambos os sexos. Esse facto enche-nos de orgulho, pela certeza que nos dá de que ninguém sufôe menos honestidade nos nossos concursos.*

*A quantidade de quadras recebidas até ontem na nossa redacção para o mote em concurso, que vai além do suficiente para uma página, obriga-nos a dividi-las por duas; mas, como o espaço nos escasseia e temos de dar publicidade a outros assuntos, só na próxima semana daremos mote novo e a respectiva classificação das melhores quadras, para efeito dos prémios a atribuir à mais aproximada e à mais humorística.*

*Tenham paciência os nossos prezados colaboradores e atendam à nossa boa vontade em servir a todos.*

*No número seguinte também daremos a quadra da redacção.*

Por muito tarde acordar,  
*Mais cedo não pude vir...*  
Estive em ti a sonhar,  
Enquanto estava a dormir!...

**Alfredo Cunha (Raza).**

Minha linda Dulcinea,  
*Mais cedo não pude vir;*  
Receei que a lua cheia,  
Nos viesse descobrir.

**S.**

Dizia o Zé à Clarisse;  
*Mais cedo não pude vir!*  
— Inda um raio te partisse  
E ao inferno vás cair! —

**S.**

Já sei que são três e meia  
*Mais cedo não pude vir;*  
Vais pregar-me uma tarçia?  
Olha que eu deito a fugir!

**S.**

E' tarde, bem sei amor  
*Mais cedo não pude vir;*  
Não me fiques com rancor,  
Tu que queres? Stive a dormir!

**Serigaita.**

Eu venho cheio de fome  
*Mais cedo não pude vir,*  
P'ra coçar onde te come,  
Quando estiveres a dormir.

**D. de F.**

Eu cheguei, estou aqui,  
*Mais cedo não pude vir,*  
Desde o dia em que te vi,  
Nunca mais pude dormir.

**Delfim de Freitas.**

Boas tardes meus Senhorês  
*Mais cedo não pude vir*  
Por ordem de dois Doutores  
Não me posso afligir.

**Otter.**

Desculpa, minha Luisa,  
— *Mais cedo não pude vir;*  
Fui em-fralda de camisa  
Como nu podia ir...

**Sepol.**

Por causa do Thara Bey,  
*Mais cedo não pude vir;*  
Mas inda a tempo cheguei  
De ao teu fogo acudir.

**Dília Galo.**

Assim estás desesperada?  
*Mais cedo não pude vir*  
Mas se te pões amuada  
Torno outra vez a partir.

**Quim Grande.**

Não chores e pega um beijo,  
*Mais cedo não pude vir.*  
Mesmo eu não tinha o desejo  
De te encontrar a dormir.

**Nuno Grande.**

Sai hoje da cadeia,  
*Mais cedo não pude vir.*  
E agora vou p'r'aldeia:  
Está minha sogra a parir!...

**Amaral.**

Não te zangues minha amada;  
*Mais cedo não pude vir,*  
Mas vais ficar consolada...  
Vamos deitar e... dormir!! —

**Rei dos Nabos.**

Não vim tarde; pode crer  
*Mais cedo não pude vir;*  
Vamos p'ra cama, e vais ver  
Que nem podemos dormir!...

**Nabiça.**

Por eu vir tarde, ralhaste,  
*Mais cedo não pude vir.*  
Mas por que é que te zangaste,  
Se estavas já a dormir?!

**Sacripanta.**

Cheguei mesmo agora, agora!...  
*Mais cedo não pude vir,*  
Maria do meu sentir,  
Mas... não perdes p'a demora!

**Adriano X. Nel.**

Demorasse muito ou pouco,  
*Mais cedo não pude vir;*  
Vim a correr como um louco  
Só para te não ouvir.

**Lopes Pereira.**

Tem paciência minha amada,  
*Mais cedo não pude vir,*  
Estive ali com a criada...  
Eu a chorar... ela à rir.

**Nalcefânir.**

Por causa da tua adegã  
*Mais cedo não pude vir*  
Ele é do bom — escorrega —  
E pôe a gente a dormir.

**Carolo.**

Eu chego... na minha vcz,  
*Mais cedo não pude vir;*  
Em tudo sou português  
Não quero à raça fugir.

**Amador.**

Perdoa-me, meu amor  
*Mais cedo não pude vir;*  
Stive oculto dum credor  
Que me vinha a perseguir.

**Alcino.**

Se chego tarde, que importa?  
*Mais cedo não pude vir;*  
Mas sempre me abres a porta  
Para entrar e p'ra subir.

**Agã Larbac.**

Por ter mais em que pensar,  
*Mais cedo não pude vir.*  
Perdoai, pois. O azar,  
Tem-me andado a perseguir.

**Caura.**

...E só por esta razão  
*Mais cedo não pude vir*  
Tomei um grande píão  
Depois deitei-me a dormir.

**M = 2.º**

Mulher — venho atrasado  
*Mais cedo não pude vir*  
Fiquei hipnotizado  
Fui ver o tal «Fakir».

**Monteiro II.**

Inda agora aqui cheguei  
*Mais cedo não pude vir*  
Pois fui ver o Thara Bey  
Esse celebre «Fakir».

**Monteiro I.**

Perdi-me passei trabalhos  
*Mais cedo não pude vir*  
Meti por vários atalhos  
P'ra mais depressa seguir.

**Eva... Fer... Só... Dias.**

Venho de longe... tardei?  
*Mais cedo não pude vir*  
Inda a tempo chegarei  
Das tuas falas ouvir?

**Eva... Fer... Só... Dias.**

Eu cheguei aqui agora  
*Mais cedo não pude vir*  
Pus-me a andar por aí fora  
Até cheguei a cair.

**Mário Soares.**

Inda agora aqui cheguei  
*Mais cedo não pude vir*  
Corri; mas tempo ganhei  
P'ra o teu discurso ouvir.

**Tom Mix.**

# Concurso do papel rasgado

## 2.<sup>a</sup> CARTA

Meu ...

Inesquecível hora a que me ...  
-lhos ainda a magia dos teus olhos ...  
-sa, sinto-a pregada na minha ...  
Sonho com mais ainda. So- ...  
mente nos meus braços. O amor ...  
vel, dominador e bruto. Não lamentos ...

Dr. Knox.

Nome .....

Palavras certas .....

Morada .....

(Cortar por aqui)

Al leem os nossos amigos a metade da segunda carta rasgada. Para concorrer, é necessário apenas que o candidato, faça a outra metade da carta a seu bel-prazer. São **25 as palavras que lhe faltam** e é esse número que o concorrente terá que respeitar. Uma vez escrito neste mesmo papel ou noutra qualquer que lhe seja colado, é preciso recortar esse boca-lo de cima e mandá-lo para a nossa redacção, onde poderá dar entrada até à próxima sexta-feira.

Em virtude de o plano do concurso dizer que se aceitavam aos concorrentes os recortes até sexta-feira, não podemos por tal facto dar hoje a parte que faltava na primeira carta, o que só faremos no número do próximo sábado.

Nesse dia serão igualmente publicadas as três cartas que mais se aproximarem do sentido da nossa, com os respectivos nomes dos concorrentes.

Para facilitar este concurso, resolveram os dois interessados Dr. Knox e José de Artimanha, no caso de à terceira nenhum dos concorrentes acertar número de palavras que se veja, abater para 100, 75, 50 e 25, respectivamente, o número de palavras certas necessário para entrar nos prémios oferecidos.

Também fica autorizado aquele que desejar começar na segunda carta, a mandar a metade da primeira sem qualquer escrito, sendo-lhe marcadas como certas **10 palavras**.

## CONCURSO DO PIM-PAM-PUM

Só no próximo número poderemos dar a relação dos concorrentes premiados, e os prémios que a cada um foram atribuídos.

Visado pela Comissão de Censura